

A MÁQUINA DE ESCREVER SONHOS: O ONÍRICO COMO ESCRITA

Ana Clara Moliari Sobreira Moraes (PIBIC/CNPq), Aline Sanches (Orientadora),
Letícia Vier Machado (Co-Orientadora). E-mail: asanches@uem.br
Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Departamento de Psicologia, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Psicologia/Fundamentos e Medidas da Psicologia

Palavras-chave: Literatura; Psicanálise; Sonhos.

RESUMO

Em 1900, Sigmund Freud (1856 - 1939) inaugurou a psicanálise com a ideia de que o sonho é representação de um desejo – esse movimento inspirou artistas surrealistas a explorar os processos criativos presentes no mundo onírico. Em 1924, André Breton (1896 - 1966) introduziu o automatismo como uma ferramenta artística para borrar as fronteiras entre sonho e vigília, incentivando uma escrita criativa a qualquer pessoa desejosa de fazê-la. Nesta pesquisa, argumentamos que a literatura é um processo de saúde (Deleuze, 2011) em articulação com a produção onírica, uma vez que os sonhos também se dão sob a forma de textos. A ideia de sonhos como textos foi sugerida por Derrida (2014), que considera o inconsciente uma cena de escrita, concebendo-o como uma máquina de escrever. Sendo a escrita um processo de saúde e o sonho construído como um texto, podemos perceber como a experiência onírica contém uma potencialidade de saúde. O foco desta pesquisa é a relação entre sonho e escrita, destacando que sonhos, quando compartilhados, podem criar futuros e mundos novos. Assim, propomos que o sonho como escrita pode servir como resistência, permitindo um devir literário e onírico, e criando espaços e futuros além da realidade convencional.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe um estreitamento de laços entre a vida de vigília e a vida onírica, que se torna possível por meio do compartilhamento de sonhos. Em 1900, Freud abriu caminhos à psicanálise mediante a interpretação dos sonhos. A proposta de leitura e análise de um sonho, do reconhecimento do trabalho onírico, dos conteúdos manifestos e latentes, e do desejo presente nos sonhos, permitem a elaboração daquilo que causa sofrimento.

Tendo como base a teoria dos sonhos proposta pela psicanálise, o movimento surrealista de 1924 dá destaque à experiência artística onírica, que seria fonte de expressão por manter apagadas as luzes da consciência e permitir um livre escoamento criativo. Os surrealistas buscavam novas formas de expressão que se assemelhassem à expressão onírica, na tentativa de utilizar os sonhos como fonte artística. André Breton propôs uma escrita que promovia colocar no papel todas as palavras que aparecessem a quem se colocava a escrever: a escrita automática. O automatismo tinha como objetivo a criação de textos e poemas que tivessem estrutura semelhante aos sonhos.

Posteriormente, a pesquisa pretendeu explicitar como o sonho pode ser visto como um texto que se dá a ler, colocando o sonhador como um escritor noturno, criador de enredos, histórias, peças, personagens e dramas. A ideia do inconsciente como máquina de escrever, de Derrida (2014), permite a defesa de um sonho como peça de literatura, como potência criadora de futuros. Sendo o sonho semelhante a um processo de escrita, podemos argumentar que sonhar é um ato de saúde. Segundo Deleuze (2011), quando escreve, o escritor torna-se médico de si e do mundo; o mesmo ocorre com o sonhador que, quando sonha, compartilha seu texto com alguém que se dispõe a ouvi-lo (às vezes o próprio sonhador). A contação de sonhos pode produzir um espaço de vivência que cria futuros e possibilidades: têm-se um movimento de saúde permitido pelo sonhar.

Nessa perspectiva, utilizamo-nos de obras atuais que corroboram com a ideia do sonho como processo de saúde e de escrita: *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* (Dunker et. al., 2021) e *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami* (Limulja, 2022). A partir dessas obras, foi possível perceber como os sonhos atuam como leitores sociais, e têm importante papel no contexto no qual se inserem. A contação de sonhos permite não só o compartilhamento de angústias, mas também a construção de um futuro e de um espaço conjunto. Os sonhos coletados durante a pandemia de Covid-19 e os sonhos yanomami mostram como o sonhar segue o viver tanto quanto o viver segue o sonhar, e que a possibilidade de sonhar, escrever e contar permite a quem sonha e a quem lê um espaço de criação como linha de resistência em um período que oprime.

REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa buscou, por meio de um diálogo entre psicanálise e surrealismo, uma forma de democratizar a escrita a todos aqueles que sonham. A

interpretação dos sonhos, proposta por Freud em 1900, promoveu um novo interesse sobre o mundo onírico, principalmente dos artistas surrealistas que buscavam formas de expressão que libertassem a criatividade.

A obra *Le manifeste du surréalisme* (Breton, 1924) possibilitou entrelaçamentos entre teoria metapsicológica e a arte: os sonhos, agora, além de campo de estudo psicanalítico, podem ser vistos como elementos narrativos e forma de escrita. Breton propõe uma escrita que busca ser análoga ao processo onírico: o automatismo. Tal escrita, que exigia do sujeito apenas a tentativa de desligamento da censura, permitiria uma criação semelhante à dos sonhos.

Tendo em vista a aproximação entre sonho e escrita permitida pela obra de André Breton, podemos entender que naquilo que sonhamos está presente também uma expressão criativa e com a obra *Freud e a cena da escritura* (Derrida, 1967), tem-se a ideia de máquina de escrever inconsciente. A partir das imagens pictográficas oníricas, Derrida nos fornece a possibilidade de abordar a narrativa onírica tal como tratamos um texto escrito.

O texto presente nos sonhos é visto como se fosse expressão literária, e o sonhador, como escritor. É por meio dessa proposta que se tem o ideal dos sonhos como saúde: a obra *Crítica e Clínica* (Deleuze, 1993) traz a proposta da literatura como empreendimento de saúde – e, tendo em vista o argumento do sonhar como processo de escrita, estendemos a ideia para dizer que sonhos são, também, formas de saúde.

Exemplificamos o argumento com as obras *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* (Dunker et al., 2021), e *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami* (Limulja, 2022), que trazem à atualidade o onírico como importante forma de expressão e compartilhamento de experiências. As narrativas yanomamis e pandêmicas oferecem uma forma literária de saúde, que permite a quem sonha, a quem escreve, a quem ouve e a quem lê, espaços de existência.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou conectar psicanálise e literatura por meio dos sonhos. A partir da importância dada aos sonhos por Freud em 1900 e da revolução surrealista de 1924, os sonhos passaram a ser vistos para além de movimentos fisiológicos. A escrita automática de André Breton (1924) e a literatura como saúde de Deleuze (2011) mostram como a literatura pode ser um processo que permite a criação de existências e espaços, semelhante ao processo do sonhar. Tendo em vista que Derrida (2014) propõe os sonhos como escritos de uma máquina inconsciente, aquilo produzido enquanto se dorme teria a relevância de uma obra

literária do próprio sonhador, que possibilita processos de saúde a quem escreve-sonha. A pesquisa explorou a forma com que o sonhador (como escritor) e o escritor (como médico de si e do mundo), utilizam as escrituras oníricas para criar possibilidades. Exemplos da experiência yanomami e dos brasileiros durante a pandemia mostraram que os sonhos refletem a realidade e podem ser ferramentas para elaboração e para a criação de processos de saúde. A pesquisa destacou a importância dos sonhos para a sobrevivência e resistência em tempos de crise, e a escrita-sonhada como potência de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por financiar e tornar possível a realização desta pesquisa.

Agradeço ao departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pelo apoio na produção acadêmica presente.

Agradeço às orientadoras, professoras Dras. Aline Sanches e Letícia Vier Machado, por me acompanharem nesse processo.

REFERÊNCIAS

BRETON, A. **Manifestes du surréalisme**. Paris: Éditions Gallimard, 2022.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, J. Freud e a Cena da Escritura. *In*: DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 289 - 338.

DUNKER, C; PERRONE, C; IANINNI, G; ROSA, M. D.; GURSKI, R. (org.). **Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LIMULJA, H. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.